

Temporada das queimadas chega ao fim

Evaristo Eduardo de Miranda

A temporada das queimadas chega ao fim com a última onda de fogos atingindo o Nordeste. Já é possível apresentar um primeiro balanço: foram quase 150.000 queimadas detectadas pelo satélite NOAA, entre junho e outubro.

O sistema de mapeamento de queimadas — desenvolvido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e pelo Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA) da Embrapa — é inédito no mundo. Há quatro anos produz informações sobre esse problema nacional. O primeiro resultado a destacar, nos dados de 1994, são as disparidades regionais e estaduais.

O Mato Grosso foi responsável, sozinho, por mais de 35% das queimadas ocorridas no País. O Nordeste

inteiro não chega a 20%. Esse campeão absoluto é seguido pelo Tocantins e Pará, responsáveis por cerca de 10 a 15% do total nacional das queimadas. Na outra ponta está a Região Sul: menos de 5% das queimadas detectadas.

Como havíamos dito em artigo no jornal "O Estado de S. Paulo", em 2 de julho passado, neste ano as geadas e a seca favoreceram as queimadas e os incêndios na Região Sudeste. São Paulo, por exemplo, nos últimos anos contribuiu com 2% a 3% das queimadas do País, mas este ano pulou para quase 8%. Os incêndios ocorridos na Região Sudeste mostraram, ainda, o absoluto descaso e despreparo da maioria das prefeituras e Defesa Civil para combater esses sinistros. Parques nacionais e estaduais, reservas e remanescentes florestais foram duramente atingidos. Eles duraram dias e dias na Serra da Mantiqueira, na Serra da Bocaina e no Planalto Paulista e Paranaense. Terminavam quando não ha-

via mais o que queimar e não por ação de bombeiros.

Quanto ao meio ambiente, as pesquisas do Núcleo de Monitoramento Ambiental confirmam: mais de 95% das queimadas ocorrem em áreas agrícolas tradicionais. Essas queimadas pouco ou nada contribuem para o chamado efeito estufa. Grandes quantidades de carbono foram lançadas na atmosfera durante o período seco de inverno. Mas, com a chegada das chuvas, as culturas voltam a crescer, os pastos se tornam verdes e folhas novas surgem nas árvores e arbustos. Toda essa vegetação renovando-se e crescendo vai retirar da atmosfera a mesma quantidade de carbono emitido pela maioria das queimadas e pelo álcool usado nos automóveis.

No caso dos desmatamentos, ao contrário, o ciclo do carbono não se fecha e há contribuição efetiva para o efeito estufa. Na Amazônia, principalmente, a cultura ou pastagem que substitui a mata não é capaz de reti-

rar da atmosfera 5% do carbono emitido pela queimada de troncos e galhadas. E esta é a principal diferença entre desmatamento e queimada, que muitos ecologistas alarmados ainda não entenderam — no Brasil e no Exterior. A maioria das queimadas do Brasil não tem relação alguma com desmatamentos e não pode ser computada no balanço brasileiro de emissão de gases do efeito estufa. Esse assunto será o tema de uma reunião científica promovida pela NASA, a agência espacial americana, no estado de Virginia, em março de 1995.

Os cientistas brasileiros apresentarão os resultados obtidos nas pesquisas, feitas com base nos mapas publicados durante toda a estação seca, nos últimos quatro anos: menos queimadas do que nos acusam no Exterior, mas muito acima do que desejamos ou necessitamos no País. (* Evaristo Eduardo de Miranda é doutor em ecologia, professor da USP, pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental da Embrapa e da Ecoforça).